

SUJEITO: NAS TRILHAS DO FAZER

Alvanira Lucia de Barros¹

Discutir sobre a atuação de um sujeito detentor do discurso que não é seu, mas que ele assimila no cotidiano de crenças e valores, incorre em penetrar em campos não só lingüísticos, mas também por outros que caminham lado a lado com as práticas culturais.

O reconhecimento do caráter essencial da linguagem, em que se pode perceber o entrecruzamento de entradas subjetivas e sociais, possibilita estudos lingüísticos que vão além da problemática língua/fala. Assim, os estudos específicos buscam compreender o fenômeno da linguagem de tal forma que ela se estenda além da língua como sistema ideológico neutro, já que é necessário uma competência específica que dê conta, também, de uma formação sócio-ideológica.

Para Mangueneau (1984), por exemplo, é importante considerar outros fatores como os contextos em que os discursos são produzidos, os quais delimitam fortemente a enunciação, uma que embates históricos e sociais cristalizam-se nos discursos, além do próprio espaço que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso.

Para a AD o sujeito fala a partir de uma posição. O sujeito faz esse ou aquele comentário não porque sabe, mas o faz impulsionado por determinações externas. Por exemplo, ao utilizar a paráfrase, a repetição, a inserção relativos ao seu próprio discurso, utiliza-o a fim de facilitar sua relação com o interlocutor. Desse modo, comenta seu próprio discurso (na ilusão de ser senhor do seu dizer), mas revela apenas um espaço interdiscursivo conflitante, longe de ser, portanto, mero instrumento à disposição de interlocutores.

Na mesma linha de compreensão, Orlandi (1986) refere-se à perspectiva européia da Análise do Discurso, que parte do enfoque da “relação necessária entre o dizer e as condições de produção do dizer”, onde a exterioridade representa uma marca fundamental. Essa situação exige um deslocamento teórico complexo, pois recorre a conceitos exteriores ao domínio de uma lingüística que seja capaz de dar conta da análise de unidades mais complexas da linguagem.

¹ Universidade Federal da Paraíba.

Nossa presente reflexão recai sobre exemplos de práticas comuns surgidas de questionamentos sobre o dizer e o sujeito, bem como *slogans* utilizados em campanhas para prefeitos nas eleições de 2004 mais especificamente sobre o suposto assujeitamento do sujeito à ordem estabelecida. Nos exemplos a seguir, que fazem parte de entrevistas colhidas de forma aleatória, utilizamos dois informantes com baixo grau de escolaridade, sendo importante destacar que o informante mais velho apresenta elevado nível de leitura.

Exemplo (1)

Meus filhos estão desempregados. Emprego está muito difícil, eles não conseguem nada. Na verdade, eles são marginalizados, não podem gostar do que é bom, morar na praia, surfar, viver como os outros jovens porque são pobres. Mas eles não têm culpa, a culpa é do sistema, desse Capitalismo selvagem. [J. A. M. – Velho/masculino; elevado nível de leitura]

Este caso deixa transparecer uma posição de transferência de responsabilidade, configurando uma situação em que se atribui toda a carga de responsabilidade a outro, numa condição de assujeitamento total – o *eu* que age é conduzido inconscientemente por forças exteriores, ou melhor, o *eu* não tem vontade própria.

Bakhtin (1995) considera que a língua é determinada pela ideologia, enquanto a consciência e o pensamento são condicionados pela linguagem e modelados pela ideologia. “Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo, mas ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior.” (p. 31)

Segundo tal compreensão, o locutor/sujeito aparenta referir-se ao “sistema social” como forma de mascarar a sua própria responsabilidade, colocando-se numa perspectiva da impessoalidade.

No exemplo (2), abaixo, temos uma situação em que o sujeito ao invés de transferir qualquer responsabilidade, pelo contrário, se mostra conhecedor, quase senhor da situação.

Exemplo (2)

(...) Eu não. Não fui à médica não. Ela não sabe de nada. A única vez que fui, ela fez as contas errada. Ela disse que eu tava com 7 meses e eu tô é

dentro dos nove. Eu é que sei quando vou ter menino. Por isso que eu não vou. Ela disse que eu tava com anemia e me deu uns remédios, mas eu não tomei não. [E.S. – E.FUND-1ª, adulta/feminina; baixo nível de leitura]

Observamos que o sujeito se nega a aceitar uma imposição de hábitos, já sedimentados em nossa sociedade, como a questão do acompanhamento médico para gestantes, o pré-natal. Seu discurso se mostra independente da influência de um profissional competente para o caso, já que quem sabe é ele mesmo.

Até que ponto, nos exemplos citados, estaríamos tratando de sujeitos assujeitados? Constatamos em (1) uma conduta de total aceitação da pressão social. No (2), uma conduta diferente, pelo menos em princípio.

A esse respeito, De Certeau (1994), em “Fazer com: usos e táticas”, especifica esquemas de operações em que essas ‘maneiras de fazer’ criam um jogo mediante a estratificação de funcionamentos diferentes. Por exemplo, o sujeito cria um espaço (em que se dá a sua fuga), no qual se estabelece um “jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar ou da língua.”

Nosso segundo exemplo corrobora que o sujeito, utilizando de sua criatividade, burla a lei imposta. É o momento em que se pode dar o elemento surpresa, que o autor citado denomina de “invenção do cotidiano”. (p. 93)

De Certeau ainda ao referir-se ao “o uso do consumo” dos bens culturais, questiona sobre as imagens veiculadas pela TV e o tempo em que as pessoas se expõem às mesmas. O que o consumidor fabrica e absorve durante essas horas? Tal processo ele denomina de “enigma do consumidor-esfinge”, uma vez que a programação televisiva se processa independentemente da interação com expectador, que atua de forma passiva com a tela da TV. Ao contrário dessa situação, uma criança, ao rabiscar e sujar um livro escolar, por exemplo, estará interagindo com o mesmo, ao desenvolver a marca de autoria.

As práticas cotidianas se pautam numa problemática do enunciado. Os “contextos de uso”, colocando o ato na sua relação com as circunstâncias, remetem aos traços que especificam o ato de falar e são efeitos dele. Dessas características o enunciado fornece um modelo, mas elas vão se encontrar na relação que outras práticas mantêm com sistemas não lingüísticos, como morar etc.

Diante dessa situação, coloca-se uma produção qualificada como “consumo”, que tem como qualidade sua capacidade de promover astúcias, subvertendo as práticas impostas, rejeitando-as, transformando-as, ou fazendo-as funcionar em outro registro. Ou seja, conservam sua diferença no próprio espaço organizado pelo ocupante.

O exemplo seguinte, parte de um *slogan* de campanha utilizado por um candidato a reeleição para prefeito da cidade de Cabedelo (Paraíba) que é satirizado num comentário exposto numa faixa, por um morador da cidade, que permite se demonstre a simultaneidade dos fatores metaenunciativos:

Exemplo (3)

Texto original

- a) Cabedelo mudou
Agora vai mudar muito mais

Texto satirizado

- b) Cabedelo mudou: pra pior!
Agora querem mudar muito mais...
Assim, vão nos lascar de vez !!!

O texto original (3.a) é o *slogan* de campanha de um candidato a prefeito a reeleição pelo partido dos trabalhadores (PT), considerado por muito de seus eleitores como mentiroso, por não ter cumprido seu programa de campanha anterior. O texto modificado (3.b) foi publicado numa faixa diante da casa de um morador da cidade, ex-vereador pelo também PT, crítico ferrenho da política partidária local e brasileira.

O exemplo (3.a) revela um discurso que se repete na memória discursiva. Desde há muito se proclama mudança em época de eleições, portanto um lugar comum nesse contexto, mudança como sinônimo de oposição à mesmice, ao atraso político. Ele, o candidato, representa a mudança e se propõe a mudar ainda mais. O fato relevante dessa declaração se dá no contraste que se estabelece entre o texto original e o texto modificado. No segundo o locutor subverte o dito começando pela estrutura: completa o sentido do verbo, localiza um estado – “pra pior” e acrescenta um sujeito indeterminado, implícito no verbo “querem”. Tal estratégia acaba por denunciar toda uma estrutura governamental, que

é o mandato do referido prefeito, produzindo um efeito de sentido que desqualifica-o claramente, sem comprometer-se com essa desqualificação, possivelmente por saber das possíveis conseqüências jurídicas decorrentes de uma acusação explícita.

Casos como esse, evidenciam o funcionamento de um discurso ao mesmo tempo impessoal, veiculado por qualquer adversário, mas enriquecido por fatores circunstanciais que produzem uma multiplicidade de sentidos. No dizer de Possenti esta análise implica:

... aceitar também que o sujeito tenha uma certa competência; que, mesmo atravessado pelo inconsciente e/ou pela ideologia, que não está impedido de adquirir o domínio de certas regras e de poder controlar, até certo ponto, os efeitos de seu discurso, ou de fazer com que determinados elementos do discurso sofram uma inflexão específica, com efeitos circunstanciais.(2002, p. 87)

Considerações finais

Percebemos, nos exemplos enfocados, que ora o sujeito demonstra (1) estar manipulado, inconscientemente por um contexto, portanto assujeitado, ora ele se coloca independente de algumas influências (2) e (3). É possível associar os dois últimos exemplos a essa capacidade de astúcia a que se refere De Certeau?

Os dois últimos exemplos permitem perceber que a existência do inconsciente não exclui a importância de um certo conhecimento e de uma certa intenção do sujeito-locutor. Ou melhor, o sujeito-locutor dos enunciados, ora comentados, não destaca elementos da cadeia discursiva de forma aleatória, mas que são relevantes no momento da enunciação.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, (Voloshinov-1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: UNICAMP, s/d.
- DE CERTEAU.M. **A invenção do cotidiano; as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- MAINGUENEAU, D. **Gêneses du discours**. Bruxelas: Pierre Mardaga, 1984.
- POSSENTI, S. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar, 2002.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.) **Gestos de leitura: da história do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1997.
- _____. A análise do discurso, algumas observações. In: **Delta**, vol2. nº 1, 1986.